

Leila Fernanda Mendes Everton Rego | Maria de Jesus dos Santos Diniz | Willian Costa Rosa
Cristiane Dutra Ribeiro Habibe | Daniele de Jesus Moreira Costa | Jailson Araújo Cipriano
Marcos Aurélio dos Santos Freitas | Maria José de Melo e Alvim Aguiar | Sônia Luzia Nogueira da Fonseca
(Organizadores)

SABERES E PERSPECTIVAS NA EDUCAÇÃO: múltiplos olhares



Leila Fernanda Mendes Everton Rego | Maria de Jesus dos Santos Diniz | Willian Costa Rosa

Cristiane Dutra Ribeiro Habibe | Daniele de Jesus Moreira Costa | Jailson Araújo Cipriano

Marcos Aurélio dos Santos Freitas | Maria José de Melo e Alvim Aguiar | Sônia Luzia Nogueira da Fonseca

(Organizadores)

SABERES E PERSPECTIVAS

NA EDUCAÇÃO:

múltiplos olhares



Atena
Editora
Ano 2022

Editora chefe

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Editora executiva

Natalia Oliveira

Assistente editorial

Flávia Roberta Barão

Bibliotecária

Janaina Ramos

Projeto gráfico

Bruno Oliveira

Camila Alves de Cremo

Luiza Alves Batista

Natália Sandrini de Azevedo

Imagens da capa

iStock

Edição de arte

Luiza Alves Batista

2022 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do texto © 2022 Os autores

Copyright da edição © 2022 Atena Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena Editora pelos autores.

Open access publication by Atena Editora



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição-Não-Comercial-Não-Derivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

A Atena Editora é comprometida em garantir a integridade editorial em todas as etapas do processo de publicação, evitando plágio, dados ou resultados fraudulentos e impedindo que interesses financeiros comprometam os padrões éticos da publicação. Situações suspeitas de má conduta científica serão investigadas sob o mais alto padrão de rigor acadêmico e ético.

Conselho Editorial**Ciências Humanas e Sociais Aplicadas**

Prof. Dr. Adilson Tadeu Basquerote Silva – Universidade para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí

Prof. Dr. Alexandre de Freitas Carneiro – Universidade Federal de Rondônia

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Profª Drª Ana Maria Aguiar Frias – Universidade de Évora

Profª Drª Andréa Cristina Marques de Araújo – Universidade Fernando Pessoa



Prof. Dr. Antonio Carlos da Silva – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Arnaldo Oliveira Souza Júnior – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Crisóstomo Lima do Nascimento – Universidade Federal Fluminense
Prof^ª Dr^ª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Daniel Richard Sant’Ana – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Prof^ª Dr^ª Dilma Antunes Silva – Universidade Federal de São Paulo
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá
Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros
Prof. Dr. Humberto Costa – Universidade Federal do Paraná
Prof^ª Dr^ª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Jadilson Marinho da Silva – Secretaria de Educação de Pernambuco
Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. José Luis Montesillo-Cedillo – Universidad Autónoma del Estado de México
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Kárpio Márcio de Siqueira – Universidade do Estado da Bahia
Prof^ª Dr^ª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal do Paraná
Prof^ª Dr^ª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof^ª Dr^ª Lucicleia Barreto Queiroz – Universidade Federal do Acre
Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros
Prof. Dr. Lucio Marques Vieira Souza – Universidade do Estado de Minas Gerais
Prof^ª Dr^ª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof^ª Dr^ª Marianne Sousa Barbosa – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas
Prof^ª Dr^ª Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Miguel Rodrigues Netto – Universidade do Estado de Mato Grosso
Prof. Dr. Pedro Henrique Máximo Pereira – Universidade Estadual de Goiás
Prof. Dr. Pablo Ricardo de Lima Falcão – Universidade de Pernambuco
Prof^ª Dr^ª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof^ª Dr^ª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
Prof. Dr. Saulo Cerqueira de Aguiar Soares – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof^ª Dr^ª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof^ª Dr^ª Vanessa Ribeiro Simon Cavalcanti – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins



Saberes e perspectivas na educação: múltiplos olhares

Diagramação: Bruno Oliveira
Correção: Yaidy Paola Martinez
Indexação: Amanda Kelly da Costa Veiga
Revisão: Os autores

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

S115 Saberes e perspectivas na educação: múltiplos olhares / Organizadores Leila Fernanda Mendes Everton Rego, Maria de Jesus dos Santos Diniz, Willian Costa Rosa, et al. – Ponta Grossa - PR: Atena, 2022.

Outros organizadores
Cristiane Dutra Ribeiro Habibe
Daniele de Jesus Moreira Costa
Jailson Araújo Cipriano
Marcos Aurélio dos Santos Freitas
Maria José de Melo e Alvim Aguiar
Sônia Luzia Nogueira da Fonseca

Formato: PDF
Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader
Modo de acesso: World Wide Web
Inclui bibliografia
ISBN 978-65-258-0556-6
DOI: <https://doi.org/10.22533/at.ed.566221409>

1. Educação. 2. Alfabetização. 3. Inclusão escolar. I. Rego, Leila Fernanda Mendes Everton (Organizadora). II. Diniz, Maria de Jesus dos Santos (Organizadora). III. Rosa, Willian Costa (Organizador). IV. Título.

CDD 370

Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166

Atena Editora
Ponta Grossa – Paraná – Brasil
Telefone: +55 (42) 3323-5493
www.atenaeditora.com.br
contato@atenaeditora.com.br



Atena
Editora
Ano 2022

DECLARAÇÃO DOS AUTORES

Os autores desta obra: 1. Atestam não possuir qualquer interesse comercial que constitua um conflito de interesses em relação ao artigo científico publicado; 2. Declaram que participaram ativamente da construção dos respectivos manuscritos, preferencialmente na: a) Concepção do estudo, e/ou aquisição de dados, e/ou análise e interpretação de dados; b) Elaboração do artigo ou revisão com vistas a tornar o material intelectualmente relevante; c) Aprovação final do manuscrito para submissão.; 3. Certificam que os artigos científicos publicados estão completamente isentos de dados e/ou resultados fraudulentos; 4. Confirmam a citação e a referência correta de todos os dados e de interpretações de dados de outras pesquisas; 5. Reconhecem terem informado todas as fontes de financiamento recebidas para a consecução da pesquisa; 6. Autorizam a edição da obra, que incluem os registros de ficha catalográfica, ISBN, DOI e demais indexadores, projeto visual e criação de capa, diagramação de miolo, assim como lançamento e divulgação da mesma conforme critérios da Atena Editora.



DECLARAÇÃO DA EDITORA

A Atena Editora declara, para os devidos fins de direito, que: 1. A presente publicação constitui apenas transferência temporária dos direitos autorais, direito sobre a publicação, inclusive não constitui responsabilidade solidária na criação dos manuscritos publicados, nos termos previstos na Lei sobre direitos autorais (Lei 9610/98), no art. 184 do Código penal e no art. 927 do Código Civil; 2. Autoriza e incentiva os autores a assinarem contratos com repositórios institucionais, com fins exclusivos de divulgação da obra, desde que com o devido reconhecimento de autoria e edição e sem qualquer finalidade comercial; 3. Todos os e-book são *open access*, *desta forma* não os comercializa em seu site, sites parceiros, plataformas de *e-commerce*, ou qualquer outro meio virtual ou físico, portanto, está isenta de repasses de direitos autorais aos autores; 4. Todos os membros do conselho editorial são doutores e vinculados a instituições de ensino superior públicas, conforme recomendação da CAPES para obtenção do Qualis livro; 5. Não cede, comercializa ou autoriza a utilização dos nomes e e-mails dos autores, bem como nenhum outro dado dos mesmos, para qualquer finalidade que não o escopo da divulgação desta obra.



APRESENTAÇÃO

Pesquisa para constatar, constatando, intervenho, intervindo, educo e me educo. Pesquisa para conhecer o que ainda não conheço, comunicar ou anunciar a novidade.

Paulo Freire

Prezados estudantes e pesquisadores, esta coletânea de dezesseis artigos intitulada ***Saberes e perspectivas na educação: múltiplos olhares***, concatena os esforços dos mestrandos da quarta turma do Programa de Pós-Graduação em Gestão de Ensino da Educação Básica¹ (PPGEEB), da Universidade Federal do Maranhão (UFMA), que durante o percurso acadêmico e sob o olhar atento dos seus orientadores, desenvolveram pesquisas resultantes das inquietações no fazer profissional docente na Educação Básica, tal como anuncia a epígrafe.

Os múltiplos olhares que se apresentam no decorrer dos capítulos, transitam em campos diversos da educação como: alfabetização, Educação Infantil, igualdade de gênero, currículo, formação continuada de docentes, Educação Especial e Inclusiva, cultura digital, entre outros, corroborando, dessa maneira, com a educação escolar nas áreas da Pedagogia, Filosofia, Sociologia, Matemática, Química, Biologia, Tecnologia, Arte e Educação Física, em seus diversos aspectos. Todas as contribuições aqui expostas possibilitam reflexões críticas sobre as pluralidades no contexto da Educação Básica, seja para quem ensina, seja para quem aprende.

Do exposto, desejamos que a leitura crítica deste material permita aos profissionais da educação a articulação entre saberes e prática, estimulando a capacidade de dominar, integrar e mobilizar tais saberes, de modo a intervir intencional e conscientemente, quando necessário, na práxis educativa.

Boa leitura!

Leila Fernanda Mendes Everton Rego

¹ O Programa de Pós-Graduação em Gestão de Ensino da Educação Básica (PPGEEB) foi aprovado na 157ª Reunião do Conselho Técnico-Científico da Educação Superior (CTC-ES) da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes), em março de 2015. O Mestrado Profissional em Gestão de Ensino da Educação Básica é o segundo da UFMA e é o primeiro da área da educação no Maranhão. O Objetivo do Curso é formar profissionais para desenvolverem saberes, competências e habilidades específicas nas áreas do ensino da Educação Básica, levando em conta a incorporação e atualização permanentes dos avanços da ciência e das tecnologias educacionais. Fonte: https://sigaa.ufma.br/sigaa/public/programa/apresentacao_stricto.jsf?l=pt_BR&idPrograma=1381. Acesso em Julho de 2022.

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1..... 8

SABERES DOCENTES DO PROFESSOR ALFABETIZADOR: DILEMAS E PERSPECTIVAS NA FORMAÇÃO DE LEITORES

Daniele de Jesus Moreira Costa
Leila Fernanda Mendes Everton Rego
Vanja Maria Dominices Coutinho Fernandes

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.5662214091>

CAPÍTULO 2..... 20

ENUNCIACÕES INFANTIS PARA A ORGANIZAÇÃO DE SITUAÇÕES DE LEITURA NO CICLO DE ALFABETIZAÇÃO

Solange Cristina Campos de Jesus
Samuel Luís Velázquez Castellanos

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.5662214092>

CAPÍTULO 3..... 30

A PRESENÇA DAS AÇÕES LÚDICAS NAS PRÁTICAS PEDAGÓGICAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Dania Rafaela Ferreira Carvalho
Rita Maria de Sousa Franco
José Carlos de Melo

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.5662214093>

CAPÍTULO 4..... 40

TRAJETOS E DESAFIOS: O QUE DIZ O COORDENADOR PEDAGÓGICO DA EDUCAÇÃO INFANTIL DE SÃO LUÍS?

Maria José de Melo e Alvim Aguiar
Maria José Albuquerque Santos

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.5662214094>

CAPÍTULO 5..... 51

IGUALDADE DE GÊNERO E ARTES NA EDUCAÇÃO INFANTIL: relações possíveis

Elisângela Santos de Amorim
Letícia Régia Gomes Souza
Sônia Giselly Karolczyk Correia

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.5662214095>

CAPÍTULO 6..... 65

CURRÍCULO: AVANÇOS E RETROCESSOS À LUZ DAS RELAÇÕES DE GÊNERO

Mariana Guelero do Valle
Sônia Giselly Karolczyk Correia

Letícia Régia Gomes Souza

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.5662214096>

CAPÍTULO 7..... 78

CURRÍCULO E FORMAÇÃO DOCENTE: REFLEXÕES SOBRE A PRÁTICA PEDAGÓGICA

Cristiane Dutra Ribeiro Habibe

Leila Fernanda Mendes Everton Rego

Maria José Albuquerque Santos

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.5662214097>

CAPÍTULO 8..... 88

ENTRE CONVERSÇÕES: CURRÍCULO E FILOSOFIA

João Ferreira da Páscoa Filho

Raimundo Nonato Assunção Viana

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.5662214098>

CAPÍTULO 9..... 98

ESTUDOS CURRICULARES INCLUSIVOS NO CAMPO DA MATEMÁTICA

Rosangela dos Santos Rodrigues

Raimundo Luna Neres

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.5662214099>

CAPÍTULO 10..... 108

DIVERSIFICAÇÃO PEDAGÓGICA NO PROCESSO DE ENSINO NA PERSPECTIVA DA EDUCAÇÃO ESPECIAL E INCLUSIVA: UM ESTUDO BIBLIOGRÁFICO

Ísis de Paula Santos Mendonça

Jailson Araujo Cipriano

Lívia da Conceição Costa Zaquero

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.56622140910>

CAPÍTULO 11..... 119

DEFICIÊNCIA VISUAL E ENSINO DE QUÍMICA: um panorama sobre as pesquisas inseridas no contexto nacional

Fabiane Silva Martins

Clara Virgínia Vieira Carvalho Oliveira Marques

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.56622140911>

CAPÍTULO 12..... 127

A ARTE CONTEMPORÂNEA COMO CONTEÚDO DO CURRÍCULO DE ARTE NA EDUCAÇÃO BÁSICA

Maria de Jesus dos Santos Diniz

João Fortunato Soares de Quadros Júnior

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.56622140912>

CAPÍTULO 13..... 137

A REPRESENTAÇÃO DO TAMBOR DE CRIOLA COMO ELEMENTO ARTÍSTICO E CULTURAL NA EDUCAÇÃO BÁSICA

Antonio de Assis Cruz Nunes
Marcos Aurelio dos Santos Freitas
Rosinelia Machado Barbosa
Sônia Luzia Nogueira da Fonseca

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.56622140913>

CAPÍTULO 14..... 147

A EDUCAÇÃO FÍSICA E O CURRÍCULO ESCOLAR QUILOMBOLA

Élia Poliene Correia Araújo
Willian Costa Rosa
Raimundo Nonato Assunção Viana

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.56622140914>

CAPÍTULO 15..... 157

MAPAS MENTAIS E MAPAS CONCEITUAIS NO PROCESSO ENSINO-APRENDIZAGEM DE BIOLOGIA

Ana Telma da Silva Miranda
Mariana Guelero do Valle

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.56622140915>

CAPÍTULO 16..... 171

DOCÊNCIA E ENSINO HÍBRIDO: CONCEPÇÕES DE PARIDADE NA CULTURA DIGITAL

Shirlene Coelho Smith Mendes
Jermamy Gomes Soeiro
João Batista Botenttuit Junior

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.56622140916>

IGUALDADE DE GÊNERO E ARTES NA EDUCAÇÃO INFANTIL: RELAÇÕES POSSÍVEIS

Elisângela Santos de Amorim

Universidade Federal do Maranhão
São Luis – Maranhão
<http://lattes.cnpq.br/3306324046955974>

Letícia Régia Gomes Souza

Universidade Federal do Maranhão
São Luis - Maranhão
<http://lattes.cnpq.br/7489138543353030>

Sônia Giselly Karolczyk Correia

Universidade Federal do Maranhão
São Luis - Maranhão
<http://lattes.cnpq.br/8910768300358507>

RESUMO: O presente artigo trata das relações de gênero no âmbito escola básica. A escola é uma das instituições necessárias para iniciarmos tal discussão. Partindo desta perspectiva, realizamos uma pesquisa de campo com três professoras e um professor de educação infantil da rede municipal de ensino de São José de Ribamar no Maranhão. Para que a pesquisa fosse realizada, utilizamos um questionário pertinente ao tema em questão. O estudo, à luz de um enfoque teórico metodológico qualitativo, buscou saber como os/as professores/as trabalham as relações de gênero, focalizando no recorte da “igualdade de gênero” dentro da disciplina de artes. Buscamos investigar se ao trabalharem artes, a escolha das obras e artistas faz equiparação ou não com obras de artistas homens e artistas mulheres e, ainda, de como contribuem para a promoção da igualdade de gênero entre seus/as alunos/as. Constatou-

se que os/as educadores/as tem divergências significantes em suas opiniões e não conseguem compreender e trabalhar gênero numa perspectiva que possibilite a prática de valores, igualdade e respeito entre meninos e meninas. Além disso, apontaram para a necessidade de um maior investimento na formação de quem atua na Educação Infantil para que efetivamente haja a promoção de práticas educativas não discriminatórias.

PALAVRAS-CHAVE: Igualdade de gênero; Educação infantil; Artes.

GENDER EQUALITY AND ARTS IN CHILD EDUCATION: POSSIBLE RELATIONSHIPS

ABSTRACT: This article deals with gender relations in primary school. The school is one of the institutions necessary for us to initiate such a discussion. From this perspective, we carried out a field research with three teachers and a teacher of early childhood education, from the municipal school system of São José de Ribamar of Maranhão. For the research to be carried out, we used a questionnaire relevant to the topic in question. The study, in the light of a qualitative methodological theoretical approach, sought to know how teachers work with gender relations, focusing on “gender equality” within the discipline of arts. We seek to investigate whether, when working with the arts, the choice of works and artists is equivalent or not, with works by male and female artists, and also how they contribute to the promotion of gender equality among their

students. It was found that educators have significant differences in their opinions, and are unable to understand and work gender in a perspective that enables the practice of values, equality and respect between boys and girls. In addition, they pointed to the need for greater investment in training those who work in Early Childhood Education so that there is effectively the promotion of non-discriminatory educational practices.

KEYWORDS: Gender equality; Early childhood education; Arts.

1 | INTRODUÇÃO

Nas últimas décadas as temáticas de gênero e sexualidade ganharam notoriedade nos espaços escolares, principalmente a partir dos Parâmetros Curriculares Nacionais (1997) que trouxeram como tema Transversal a “orientação sexual” que, de forma sistematizada e/ou transversalizada nas disciplinas escolares, direcionava para as discussões de assuntos ligados ao corpo, gênero e sexualidade.

Na virada do século XXI outros documentos normativos avançaram nestas discussões, citamos: o Plano Nacional de Educação em Direitos Humanos (2013), que propõe fomentar a inclusão no currículo escolar das temáticas relativas a gênero, identidade de gênero, raça, etnia, orientação sexual, entre outros, e o Plano Nacional de Políticas para as Mulheres (2013) que surge com o intuito de eliminar conteúdos sexistas e discriminatórios e promover a inserção de temas voltados a igualdade de gênero e a valorização das diversidades.

No entanto nos últimos cinco anos notamos um discurso conservador que assola o Brasil e volta essa temática de igualdade de gênero e valorização das diversidades para condição de *tabu*. Por trás desse discurso, alguns consideram não ser assunto de “criança” por acharem que elas não têm capacidade de compreender os termos e os conceitos que envolvem essas discussões e que estas orientações caberiam exclusivamente a família.

Para Silva (2019), a escola é um espaço sociocultural em que as diferentes identidades encontram-se e se modelam, caracterizando-se, portanto, como um dos lugares mais importantes para se educar respeitando as diferenças, no entanto, de modo geral, a escola e/os profissionais da educação estão pouco preparados/as para lidar com a diversidade de gênero e sexual em qualquer faixa etária, embora não seja mais tempo para esses pretextos carregados de um discurso austero, arrogante, reducionista e adultocêntrico carregados de preconceito e senso comum.

A legislação vigente e os documentos nacionais e internacionais legitimam a necessidade de discussões dessas temáticas na escola e instituições educativas, mas ainda há uma resistência por parte de toda comunidade escolar.

Vianna (2008), ao analisar a produção acadêmica sobre as temáticas de gênero no âmbito das políticas públicas de educação, percebeu contradições entre as propostas

de inclusão do gênero nos currículos escolares e a ausência de ações que garantissem a devida implementação das novas exigências para a prática docente nas escolas. Isso porque existe um descompasso entre o currículo prescrito e o praticado.

Segundo Filha (2019, p. 175), “por mais que tentem ou queiram impedir as discussões sobre essas temáticas, as questões de gênero e sexualidade estão presentes em nossas vidas, nossas identidades e permeiam nossas práticas docentes com as crianças, porque estão na vida de todo/as nós”.

Por essa razão, é importante que seja analisado o papel da educação na socialização das crianças realizada na Educação Infantil a partir do questionamento dos processos de diferenciação entre meninos e meninas e da promoção de uma prática educativa não discriminatória que valorize a igualdade de gênero.

Percebemos que no currículo praticado nas escolas que atendem crianças de zero a cinco anos de idade, o gênero e sexualidade são silenciadas, mesmo com Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (BRASIL, 1998) e as Diretrizes Curriculares Nacionais de Educação Infantil (BRASIL, 2009), evidenciando, mesmo que de forma pouco sistematizada, a importância da temática.

Neste sentido, nosso trabalho busca investigar como os/as professores/as trabalham as relações de gênero, focalizando no recorte da “igualdade de gênero” dentro da disciplina de artes e se, ao trabalharem artes, a escolha das obras e artistas faz equiparação ou não a nomes de obras de artistas homens e artistas mulheres para desta forma perceber como contribuem para a promoção da igualdade de gênero entre seus/as alunos/as. O recorte da disciplina artes se deu pela variedade de possibilidades de linguagens que o ensino desta oferece na educação Infantil.

2 | ELEMENTOS METODOLÓGICOS E CONCEITUAIS DA PESQUISA

O percurso metodológico do estudo iniciou-se a partir de uma pesquisa bibliográfica dos documentos que norteiam a educação infantil, buscando identificar como estes orientam e abordam as questões de gênero na Educação Infantil. Num segundo momento, realizamos entrevistas semiestruturadas com professoras e professores do Maternal II que atuam numa escola Municipal de Educação Infantil no município de São José de Ribamar no Maranhão.

Optamos pelo recorte do trabalho com a categoria de igualdade de gênero nas atividades da disciplina de artes, com três professoras e um professor nos turnos vespertino e matutino.

Antes de apresentarmos as análises dos dados da pesquisa destacamos a importância de conceituar o que entendemos por “gênero” e “igualdade de gênero”.

Habitualmente a categoria gênero tem sido utilizada como sinônimo de mulheres. Entretanto, ressaltamos que seu significado abarca muito mais, pois se refere ao aspecto relacional entre os sexos. Desse modo,

[...] O termo “gênero”, além de um substituto para o termo mulheres, é também utilizado para sugerir que qualquer informação sobre as mulheres é necessariamente informação sobre os homens, que um implica no estudo do outro. Essa utilização enfatiza o fato de que o mundo das mulheres faz parte do mundo dos homens, que ele é criado nesse e por esse mundo masculino. Esse uso rejeita a validade interpretativa da ideia de esferas separadas e sustenta que estudar as mulheres de maneira isolada perpetua o mito de que uma esfera, a experiência de um sexo, tenha muito pouco ou nada a ver com o outro sexo [...] (SCOTT, 1995, p.75).

Ainda segundo Scott (1990), o termo pode ser definido de duas formas distintas, mas interligadas. Na primeira o gênero é um elemento constitutivo de relações sociais fundadas sobre as diferenças percebidas entre os sexos. Na segunda, o gênero é um primeiro modo de dar significado as relações de poder. Para Foucault (1999), o termo “poder” não pode ser compreendido como algo estável e unitário, pois não existe algo global chamado poder, mas sim formas heterogêneas de “relações de poder”, permeadas por práticas sociais, saberes e instituições que historicamente foram construídas.

De acordo com Louro (2007), gênero foi um conceito desenvolvido para contestar a naturalização das diferenças sexuais em diversos espaços de disputa e não se limita apenas aos papéis assumidos por homens e mulheres na sociedade, mas principalmente sobre as relações de poder que estão implicadas entre masculino e feminino.

Nessa mesma direção, Finco (2010, p. 174) afirma que “romper com modelos hegemônicos, medos e preconceitos presentes na educação de meninos e meninas não é uma tarefa fácil”. Pois, conforme a autora, na Educação Infantil, os profissionais não têm um olhar social e crítico diante dessas diferenças de gênero e reproduzem práticas fundamentadas em binômios como forte/fraco, masculino/feminino, mente/corpo, lento/esperto, etc.

A formação dos sujeitos seja na família, na escola, na igreja, nos locais de trabalho ou em quaisquer dos espaços sociais em que convivem, passa por uma construção de quem somos e como nos tornamos o que somos. Louro (1997) ressalta as diferentes instituições e práticas sociais são constituídas pelos gêneros e são também constituintes dos gêneros. E as escolas, como uma dessas instituições sociais, reforçam por meio de suas práticas e/ou silêncio as diversas formas de desigualdades entre os sexos.

Desse modo, ressaltamos a importância de espaços de formação nos quais profissionais de todas as etapas e principalmente da educação Infantil possam repensar esse currículo que trata meninos e meninas de forma tão distinta, pois ao demarcarem comportamentos, brincadeiras e cores sendo “de menino” ou de “menina” fazem com que

as crianças internalizem essas identificações, promovendo assim uma educação que não contempla a igualdade de gênero, como propõe a Constituição Federal (1988) em seu Art. 5º afirmando expressamente a igualdade entre homens e mulheres como preceito constitucional.

3 | GÊNERO NAS POLÍTICAS CURRICULARES DA EDUCAÇÃO INFANTIL: O QUE DIZEM OS DOCUMENTOS

O direito a uma educação de qualidade inclui a discussão das questões de gênero. O Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil – RECNEI, elaborado em 1998, faz parte da série dos Documentos Parâmetros Curriculares Nacionais. O Referencial foi concebido como guia de reflexão com cunho educacional sobre objetivos, conteúdos e orientações didáticas para profissionais que atuam diretamente com crianças de zero a seis anos, respeitando seus estilos pedagógicos e a diversidade cultural brasileira (BRASIL, 1998).

O RECNEI está organizado em três volumes: Introdução, que apresenta uma reflexão sobre as creches e pré-escolas do Brasil fundamentando concepções de criança, de educação, de instituição e do profissional; e por dois eixos de trabalho que estão agrupados em dois volumes relacionados aos âmbitos de experiência: Formação Pessoal e Social e Conhecimento de Mundo.

Destacamos aqui o segundo volume, que se refere às experiências vivenciadas pelas crianças no contexto educacional e apresenta como eixo de trabalho o desenvolvimento da identidade e da autonomia das crianças. Na seção específica que discute a “Identidade de gênero” dá à seguinte orientação:

No que concerne a identidade de gênero, a atitude básica é transmitir, por meio de ações e encaminhamentos, valores de igualdade e respeito entre as pessoas de sexos diferentes e permitir que a criança brinque com as possibilidades relacionadas tanto ao papel de homem como ao da mulher. Isso exige uma atenção constante por parte do professor, para que não sejam reproduzidos, nas relações com as crianças, padrões estereotipados quanto aos papéis do homem e da mulher, como, por exemplo, que a mulher cabe cuidar da casa e dos filhos e que ao homem cabe o sustento da família e a tomada de decisões, ou que homem não chora e que mulher não briga. (BRASIL, 1998, p. 41- 42).

Podemos inferir que o RCNEI foi um importante avanço enquanto política curricular para Educação Infantil, ao chamar atenção para o caráter social e cultural do gênero a partir das orientações e encaminhamentos dados aos/as professores/as.

Por outro lado, as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil foi instituída após o RCNEI e, em sua segunda versão de 2009, objetiva orientar a elaboração

das propostas pedagógicas das instituições de Educação Infantil, cita o termo gênero somente no inciso V, do artigo 7º, ao propor a necessidade de “construir novas formas de sociabilidade e de subjetividade comprometidas com a democracia e com o rompimento de diferentes formas de dominação etária, socioeconômica, étnico-racial, de gênero, regional, linguística e religiosa (BRASIL, 2009).

4 | RESULTADOS, DISCUSSÕES E ANÁLISE DA PESQUISA

Realizamos uma pesquisa com quatro professores/as da Creche Municipal Nova Turiúba, no município de São José de Ribamar no Maranhão, dentre estes, três professoras com idade entre 35 e 50 anos e um professor com 40 anos, no intuito de percebermos como são trabalhadas as questões de gênero com crianças do maternal II da referida escola. Quanto à abordagem das relações de gênero nas disciplinas, um professor afirma que não aborda o tema e as professoras afirmaram que sim, que abordam, mas não identificaram em quais disciplinas.

Quanto à dificuldade de trabalhar com igualdade de gênero, manteve-se o mesmo resultado, com dois entrevistados informando que acham difícil e dois que não consideram difícil. Da totalidade dos/as entrevistados/as, 100% acham possível trabalhar com igualdade de gênero na disciplina de artes. No tocante a importância de trabalhar as relações de gênero na educação infantil, as três professoras consideram e apenas o professor não considera.

Na questão posterior perguntamos se, ao apresentar obras na disciplina de artes, existe equiparação entre obras de artistas homens e artistas mulheres, duas professoras afirmam que fazem essa equiparação, uma professora assegura que nunca pensou nessa perspectiva ao trabalhar artes, e, o professor confirma que não faz esse equilíbrio.

Em continuidade, procuramos saber dos/as entrevistadas/os se existe demarcação de brincadeiras e brinquedos para meninos e para menina, quais os brinquedos assim demarcados e como se dá essa demarcação. Duas professoras responderam que não existe essa demarcação em suas salas, o professor também afirmou que não e uma professora assegurou que existe e que os meninos brincam de carro e futebol, enquanto que as meninas brincam com bonecas e panelinhas.

Quando questionados/as se contribuem para a promoção da igualdade de gênero entre seus alunos, obtivemos a seguintes respostas. As três professoras contribuem para a promoção da igualdade de gênero e o professor não contribui.

A esse respeito, nossa última pergunta foi se na turma em que os/as professores/as trabalham as meninas demonstram interesse por carro e os meninos por boneca. Todas as três professoras confirmaram os interesses por ambos os brinquedos e o professor disse que não.

Para análise e discussões optamos por apresentar os dados em forma de quadro de respostas dos sujeitos respondentes da pesquisa, cujas respostas serão articuladas e interpretadas à luz do referencial teórico acerca da temática.

SUJEITOS	RESPOSTAS
Professora A	Sim
Professora B	Sim
Professor C	Não
Professora D	Sim

Quadro 1 - Respostas das/os professores/as sobre a abordagem das relações de gênero na prática pedagógica e em quais disciplinas.

Fonte: Própria autora, 2019.

Diante das respostas, observamos que os/as professores/as emitiram opiniões muito parecidas, sendo somente o professor C que divergiu do restante e todos/as não identificaram em quais disciplinas abordam as questões de gênero.

Em continuidade, buscamos saber sobre a dificuldade de trabalhar com igualdade de gênero e o porquê. Vejamos as respostas:

SUJEITOS	RESPOSTAS
Professora A	Não, porque através da conversa, sempre estamos falando que todos têm os mesmos direitos.
Professora B	Não, porque tanto a mulher quanto os homens têm direitos iguais.
Professor C	Trabalho com crianças de três anos e não abordo o tema.
Professora D	Sim, porque as famílias ainda são bastante tradicionais no que se refere à educação dos filhos.

Quadro 2 - Respostas sobre a dificuldade de trabalhar com igualdade de gênero e o porquê.

Fonte: Própria autora, 2019.

Quando indagados sobre a dificuldade de trabalhar com igualdade de gênero e o porquê, é perceptível o entendimento das professoras A e B quanto aos direitos de homens e mulheres tendo em vista que a mudança curricular deve se iniciar na prática de sala de aula. Porém, considerou-se um diferencial as respostas dos professores/as C e D, quando um justifica a idade das crianças como motivo de não trabalhar com igualdade de gênero e a outra afirma a dificuldade por conta do tradicionalismo das famílias dos alunos.

Os autores Souza; Cardozo; Souza (2016) pontuam que desconstruir falas e conceitos machistas que perpetuam ações e situações de violência e desigualdade de

gênero é papel e responsabilidade de todos/as, inclusive da escola. Embora na questão anterior a professora A respondeu não ter dificuldades em trabalhar igualdade de gênero, percebe-se que ela não conseguiu compreender a pergunta, assim como o professor C.

A disciplina Arte deve garantir que os alunos vivenciem e compreendam aspectos técnicos, criativos e simbólicos em música, artes visuais, teatro, dança e suas interconexões. No ensino de artes, mais que em outras disciplinas, os alunos são obrigados a entrar em contato consigo mesmos quando, por exemplo, executam uma coreografia, realizam um jogo teatral, interpretam uma música ou apreciam um quadro. Revelar o potencial criativo para o desenvolvimento como ser humano, ampliar a capacidade de julgar e agir, ter responsabilidade, tolerância, consciência dos valores são alguns dos outros objetivos dessa disciplina (SOUZA, 2010).

SUJEITOS	RESPOSTAS
Professora A	Sim, porque cada um se expressa da forma que se sinta bem e como quer.
Professora B	Sim.
Professor C	Sim, Porque a arte é uma expressão independente de idade ou gênero.
Professora D	Sim.

Quadro 3 - Respostas sobre possibilidade de trabalhar com igualdade de gênero na disciplina de artes.

Fonte: Própria autora, 2019.

Sobre a importância de trabalhar questões de gênero na educação infantil as professoras A e B e o professor C reconhecem a importância dessa temática e destacam a construção da identidade das crianças. A professora D fala da oportunidade desde cedo da desconstrução de conceitos preconceituosos. Contudo, embora essas práticas não se iniciem na escola, estas podem ser uma forte aliada para seu reforço.

Para Butler (2003), os sujeitos, desde a infância, vão sendo produzidos como efeito dos discursos e das normas que circulam as sociedades em que estão inseridos. Finco (2010, p. 52) acrescenta que a primeira infância é um “período em que as crianças passam a conhecer e aprender sistemas de regras e valores, interagindo e participando de construções sociais”.

SUJEITOS	RESPOSTAS
Professora A	Sim, porque a identidade de cada criança está sendo construída, estão na fase da descoberta dos seus gostos e saber a importância de respeitar o outro.
Professora B	Sim, porque a criança está descobrindo sua identidade, construindo conceitos, explorando e expressando suas emoções.
Professor C	Na educação infantil não abordo o tema.
Professora D	Porque se você começar a trabalhar esse tema ainda na primeira infância, este passar a ser algo conhecido desde cedo por esses sujeitos e estes têm a oportunidade de desconstruir conceitos preconceituosos repassados pela família.

Quadro 4 - Respostas sobre a importância de trabalhar questões de gênero na educação Infantil e porquê.

Fonte: Própria autora, 2019.

Percebemos que na questão seguinte, as professoras A e B não conseguiram compreender a pergunta, o professor C não faz essa equiparação entre as obras e a professora D diz nunca ter pensando por essa perspectiva.

A simples tarefa de escolher uma obra de arte principalmente quando esta é produzida por uma mulher, carrega grande valor simbólico, pois é preciso dar visibilidade às artistas mulheres, superando a dominância masculina (SOUZA; CARDOZO; SOUZA, 2016).

SUJEITOS	RESPOSTAS
Professora A	Sim, porque em toda arte tem sua forma de expressão.
Professora B	Sim, buscando sempre um contexto em que a arte expressa.
Professor C	Não.
Professora D	Nunca pensei assim ao trabalhar artes.

Quadro 5 - Respostas sobre a equiparação entre obras de artistas homens e artistas mulheres.

Fonte: Própria autora, 2019.

Quanto à demarcação de brinquedos e brincadeiras para alunos e alunas, as professoras A e B afirmam que não existe essa prática em suas salas, bem como o professor C. A professora D diz que em sua sala existe a demarcação dos brinquedos e brincadeiras. Entretanto, fica evidenciada em sua resposta uma aceitação muito natural dessas preferências.

Segundo Carvalho; Guizzo (2016), nossas atitudes e nossas opiniões tem grande influência sobre nossos alunos e alunas, pois eles aprendem não só com os conteúdos com os quais ensinamos, mas a partir dos posicionamentos que tomamos. Nossas ações bem como nossos silêncios, mesmo que não intencionalmente, ensinam muito sobre igualdade

de gênero.

SUJEITOS	RESPOSTAS
Professora A	Não.
Professora B	Não
Professor C	Não
Professora D	Sim, meninos brincam com bola e carrinhos e meninas com boneca e panelinhas. Os meninos brincam de futebol.

Quadro 6 - Respostas sobre a demarcação de brinquedos e brincadeiras para meninos e meninas.

Fonte: Própria autora, 2019.

Quanto às respostas dos/as professores/as sobre suas possíveis contribuições para a promoção da igualdade de gênero entre alunos e alunas e de que forma é feita, verificou-se respostas vazias e sem exemplos práticos dessas contribuições entre as professoras A e B.

O professor C manteve-se negando qualquer discussão sobre questões de gênero entre seus alunos e alunas. Porém, considerou-se um diferencial na resposta do Professor D. Vejamos explicitamente na sua fala: “*Sim, não defino brincadeiras e brinquedos na hora do brincar. E procuro fazer com que todos brinquem sem distinção de brinquedo de menina ou de menino*”. Essa fala entra em contradição com a resposta da pergunta anterior, quando ela diz: “*Sim, meninos brincam com bola e carrinhos e meninas com boneca e panelinhas. Os meninos brincam de futebol*”. Pois ao mesmo tempo em que afirma fazer com que as crianças brinquem sem distinção de brinquedos, confirma a demarcação destes, sem nenhuma ação que levam a discussão e reflexão dos modelos pré-determinados.

É necessário desconstruir a lógica binária na apresentação do mundo para as crianças: enquanto os brinquedos e brincadeiras estiverem sendo associados a significados masculinos e femininos, que hierarquizam coisas e pessoas, estaremos apresentando a meninos e meninas significados excludentes (FINCO, 2010).

SUJEITOS	RESPOSTAS
Professora A	Sim, através da conversa e fazendo-os reconhecer que devemos respeitar a todos, e que temos direitos e deveres iguais.
Professora B	Sim, no respeito entre seus pares, diante de qualquer situação que fere o outro em suas particularidades.
Professor C	Não.
Professora D	Sim, não defino brincadeiras e brinquedos na hora do brincar. E procuro fazer com que todos brinquem sem distinção de brinquedo de menina ou de menino.

Quadro 7 - Respostas sobre a contribuição para a promoção da igualdade de gênero entre os alunos e de que forma.

Fonte: Própria autora, 2019.

Na próxima pergunta concentramos atenção na fala da professora B, quando associa a fala das crianças ao conhecimento vindo de casa. Ressaltamos a importância da escola e o papel do professor em desmistificar esses determinismos por meio de diálogos e práticas que garantam o direito de meninos e meninas brincarem sem estarem moldados por discursos que os separa por gênero.

SUJEITOS	RESPOSTAS
Professora A	Sim. Normal, pois explico que tanto menina quanto menino podem usufruir dos mesmos brinquedos.
Professora B	Sim, em algumas situações é comum em sua maioria as crianças dizerem que boneca é coisa de menina e carro de menino. Isso denota um conhecimento vindo de casa.
Professor C	Não.
Professora D	Sim, Educação infantil: Todos brincam juntos e ambos brincam tanto com carrinhos quanto com bonecas. Ensino fundamental: as crianças já tem esse preconceito bem enraizado em suas escolhas e separam as brincadeiras em de menino e menina.

Quadro 8 - Respostas dos/as professores/as sobre o interesse de meninas por carro e/ou bola e a reação dos alunos.

Fonte: Própria autora, 2019.

O processo de mudança ainda está começando; o grande perigo é que as pessoas apenas tomem consciência do problema, mas efetivamente não façam nada para que haja mudança, não trazendo nenhum impacto na ação das escolas e na vida diária dos indivíduos (REIS; GOMES, 2009).

Em síntese, percebe-se uma carência de informação e formações para os/as professores/as. Traduz-se, assim, a ausência de um comprometimento de todos os profissionais da escola no trato das questões de gênero numa perspectiva igualitária.

5 | CONCLUSÃO

O presente artigo abordou as relações de gênero na disciplina de artes, no tocante a igualdade, buscando compreender como estão sendo trabalhadas na escola, bem como os critérios para a escolha das obras e artistas e como estes contribuem para a promoção da igualdade de gênero entre seus/as alunos/as.

O estudo constatou que os/as professores/as da escola pesquisada cultivam uma visão muito limitada e, por vezes, até depreciativa em relação à igualdade de gênero. Constatou também que os/as professores/as, mesmo conhecendo os documentos curriculares que norteiam a educação Infantil, não incluem ou fazem em suas aulas as transposições das relações de gênero em forma de conteúdo.

Observou-se ainda que há um descompasso nesta questão e se entende que o discurso dos/as professores/as não se efetiva na prática ou pelo menos não alcançam os/as alunos/as, nem ao menos nas escolhas dos brinquedos e brincadeiras, uma vez que este determinismo ajuda a construir estereótipos de gênero, bem como reforça a desigualdade entre meninos e meninas.

A escola como instituição social deve contribuir na formação humana da criança, dessa forma, não foge às questões relacionadas a gênero. Não é mais possível conceber professores e professoras impregnados de senso comum, justificando não trabalharem igualdade de gênero com seus alunos, por acharem que são pequenos ou pelo preconceito dos familiares. Trabalhar com igualdade de gênero na educação infantil, na disciplina de artes, é marcar a presença de mulheres nas artes, é refletir sobre: O que impede que uma menina brinque com carrinhos se mulheres adultas dirigem? O que impede que meninos brinquem de boneca se homens cuidam de suas filhas e filhos?

Entendemos esses aspectos como condição essencial para o sucesso do ensino da temática para que os/as professores/as não tratem esta questão de forma improvisada, mas que possam reconhecer a importância dessas discussões para a formação de uma sociedade mais igualitária.

REFERÊNCIAS

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, 1988.

BRASIL. Conselho Nacional de Educação. Resolução CEB nº 01/1999. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil**. Brasília, DF: 1999.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Tema transversal de orientação sexual**. Brasília: MEC/SEF, 1997.

BRASIL. Comitê Nacional de Educação em Direitos Humanos. **Plano Nacional de Educação em Direitos Humanos**. Brasília: Secretaria de Direitos Humanos, Ministério da Educação, Ministério da Justiça, UNESCO, 2013.

BRASIL. Presidência da República. Secretaria de Políticas para as Mulheres. **Plano Nacional de Políticas para Mulheres**. Brasília: Secretaria de Políticas para as Mulheres, 2013.

BRASIL. Ministério de Educação e do Desporto. **Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil**. Brasília, DF, 1998.

BUTLER, J. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

CARVALHO, R. S.; GUIZZO, B. S. **Políticas curriculares de educação infantil: um olhar para as interfaces entre gênero, sexualidade e escola**. Revista da FAEEBA – Educação e Contemporaneidade, Salvador, v. 25, n. 45, p. 191-201, 2016

FILHA, C. X. **Educação para a sexualidade e gênero como direitos para criança nas instituições educativas**. In: MACHADO, R.N.S; SILVA, S.M.P. (Org.). *Vozes Epistêmicas & Saberes Plurais*. São Luís: EDUFMA, 2019. P. 169-183.

FINCO, D. **Educação Infantil, espaço de confronto e convívio com as diferenças: análise das interações entre professoras e meninas e meninos que transgridem as fronteiras de gênero**. 2010. 198f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010.

FOUCAULT, M. **História da Sexualidade: a vontade de saber**. Tradução de Maria Thereza Albuquerque e J.A Albuquerque. 3º Ed. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

LOURO, G. L. **Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista**. Petrópolis: Ed. Vozes, 1997, p.25.

LOURO, G. L. **Gênero, sexualidade e educação: das afinidades políticas às tensões teórico-metodológicas**. Educação em Revista, Belo Horizonte, n. 46, p. 201-218, dez. 2007.

REIS, A. P. P. Z.; GOMES, C. A. **Violência Simbólica nas Relações de Gênero: Práticas Pedagógicas Reprodutoras de Desigualdades**. In: IX Congresso Nacional de Educação – EDUCERE. III Encontro Sul Brasileiro de PsicoPedagogia, PUCPR, 2009. Disponível em: <http://www.pucpr.br/eventos/educere/educere2009/anais/pdf/2110_1048.pdf> Acesso em: 29 set. 2010

SCOTT, J. **Gênero: uma categoria útil de análise**. Educação e realidade. v. 15, n. 2, Porto Alegre: jul./dez. 1990.

SCOTT, J. **Gênero: uma categoria útil de análise**. Educação e Realidade, Porto Alegre, v. 20, n.2, p. 71-100, jul./dez. 1995.

SILVA, S. M. P. **Entrecruzando gênero e sexualidade em ciclos de estudo, na pesquisa e em ações educativas**. In: MACHADO, R.N.S; SILVA, S.M.P. (Org.). *Vozes Epistêmicas & Saberes Plurais*. São Luís: EDUFMA, 2019. P. 149-1167.

SOUZA, J. **Arte no ensino fundamental**. In:SEMINÁRIO NACIONAL: CURRÍCULO EM MOVIMENTO – Perspectivas Atuais, Anais[...]. Belo Horizonte, 2010.

SOUZA, E. L. S; CARDOZO, R.C; SOUZA, V. V. **Diversidade sexual e de gênero no ensino da arte: debatendo possibilidades, levantando questões**. Tramas para reencantar o mundo, v. 2, n. 2, p. 94-108, 2016.

VIANNA, Cláudia Pereira. **Gênero e políticas públicas de educação no Brasil: entre contradições e desafios**. In:ENCONTRO DA REDE BRASILEIRA DE ESTUDOS FEMINISTAS - REDEFEM, 6., 2008, Belo Horizonte. Anais [...] Belo Horizonte: UFMG, 2008.

🌐 www.atenaeditora.com.br
✉ contato@atenaeditora.com.br
📷 @atenaeditora
📘 www.facebook.com/atenaeditora.com.br

SABERES E PERSPECTIVAS NA EDUCAÇÃO:

múltiplos olhares



🌐 www.atenaeditora.com.br
✉ contato@atenaeditora.com.br
📷 @atenaeditora
📘 www.facebook.com/atenaeditora.com.br

SABERES E PERSPECTIVAS

NA EDUCAÇÃO:

múltiplos olhares



Atena
Editora
Ano 2022